



Paprep
Mywayj Kanelá

naomiribeiro063@gmail.com

Salvee babys, sou Paprep mywayj Kanelas, pessoa multi-artista, artesão dos caminhos da vida enquanto vou andarilhando pelos estados levo minha arte junto comigo ✨ e autônomo, aprendendo tudo conforme os caminho se fazem, nascido no berço das águas que é o cerrado e eu faço parte dele enquanto seu filho. Raiz originária vinda do povo Kanelas do Maranhão e retomando meus sentidos com os que vieram antes de mim. Sou uma pessoa Pcd autista e tda, falo sobre neurodiversidade e trago essa pauta pros espaços e na minha própria vida com quem eu vou vivendo ✨ Transmasculino, não binário, tybyra, kontracolonial, e seja o que for que usem pra me definir enquanto um corpo existente, me entendo desde cedo como uma pessoa não cis e cada vez que fui fazendo meus caminhos de olhar pra como realmente foi a história dos meus mais velhos eu percebi ainda mais que não existe uma forma de me definir. Que as corujas do portão dos encruzamentos guiem sempre nossos caminhos 🐂



Paprep Mywayj Kanelas

ISSN 2764-8133

p. 133

Qual o sentido do gênero?

Paprep Mywayj Kanelá

Qual o sentido dessas atribuições que foram colocadas de forma violenta a nossos corpos?

Desses termos que os colonizadores trouxeram pra violentar mais ainda nossa vivência, motivados por um livro que chamam de Bíblia, por um Deus que odeia nossas vivências?

Qual o sentido dessa dualidade, dessa “binariedade” que trouxeram pra prender corpos livres em caixinhas que não os cabe?

Como Tybyra, que morreu por ser apenas quem era, todo dia um de nós morre pelas ruas da cidade, comunidades, quilombos.

Afinal, o ódio contra quem não se contenta com o que impuseram para nós continua infiltrado nesses espaços todos os dias.

Então, qual o sentido de até mesmo nas tentativas de sairmos desse lugar que a colonização trouxe pra nós, acabarmos ainda caindo nessa binariedade? Ter esses termos binários, polarizados entre homem e mulher?

Ignorando tudo que aconteceu no passado ou nem mesmo sabendo como aconteceu diversos processos. Então, qual o sentido de até mesmo nas tentativas de sairmos desse lugar que a colonização trouxe pra nós, acabarmos ainda caindo nessa binariedade? Ter esses termos binários, polarizados entre homem e mulher? Ignorando tudo que aconteceu no passado ou nem mesmo sabendo como aconteceu diversos processos.

Todos os processos de violência se ligam de alguma forma, a invasão dos kûpê¹ aqui nessa terra trouxe a ideia de gênero e modificou a organização social de diversos povos.

Como já vi várias pessoas que se acham mais transicionadas, nesse termo, que outras, dizendo que não tem como não ser homem e mulher.

E além desse tipo de pensamento ser extremamente ignorante, também é sobre fingir que os processos de apagamento, que os processos de massacre de identidades culturais de povos não aconteceram.

¹“homem branco” na língua Macro-Jê Kanela.

Quantas identidades existiam e não sabemos hoje pois essas pessoas desapareceram? Quantas pessoas foram mortas, enterradas porque o deus dos kûpê dizia que “homem não pode se deitar com outro homem como se fosse mulher”?

Identidade, gênero, expressão de gênero e as palavras que hoje usamos para falar sobre nossas vivências são termos que foram tiradas de quem vivia a seu próprio modo, em suas próprias terras.

Geralmente se usa exemplo como dois espíritos, de povos de fora de Pindorama mas eu trago uma pergunta: E os povos daqui? Quais eram as identidades que tinham aqui? Quais eram as pessoas que morreram aqui além de Tybyra por serem quem são? Quem são as pessoas que hoje se enquadrariam nesse aspecto de transgeneridade que não tiveram chance de continuar suas vidas em prol de um jesus cristo?



Tybyra, a primeira vítima de assassinato por transfobia registrada no Brasil. Desenho do missionário capuchinho francês Claude Abbeville, que participou da invasão à colônia portuguesa que executou Tybyra do Maranhão, cujos registros usam o nome de Francois Carypyra. (Gravura de livro de Claude Abbeville/Biblioteca Nacional).

Quem foram?

Então quando me perguntam se eu me pauto enquanto transmasculino, enquanto homem trans, enquanto uma dessas identidades, apesar de me contemplarem de certa forma, estou tanto nesse lugar quanto estou no lugar de apenas um ser indígena, tanto no ser humano quanto no ser não humano, até porque quem trouxe essas identidades foram também os kûpê, então sim e não.

Eu apenas sou eu, sou uma pessoa indígena, um corpo da terra, um corpo adoecido e mazelado que carrega dores ancestrais de centenas de anos e eu sinto isso em cada passo que eu dou, meu corpo é a terra, é o rio.

Essa é minha identidade, tudo que pode ser visto ainda e está sendo destruído.

Existe muito além do que sabemos e poderíamos imaginar que foi massacrado e apagado há muito tempo atrás e que continua sendo apagado ainda hoje.

Como muitas formas de ser e viver, sem necessariamente seguir o padrão do homem e mulher, pelos diversos lugares de Pindorama, no nordeste, no norte, no centro-oeste.

É verdade quando dizem que pessoas “trans” estão aqui muito antes de tudo, mas não da forma embranquecida e colonizada que pauta tudo em roupa, em aparências, é muito mais sobre espiritualidade

Sobre gente bicho, sobre gente planta, sobre pessoas que não são pessoas humanas, mas existem e residem nesses corpos e são presas por noções de colonialidade sobre o gênero que não contemplam a vivência.

A luta é sobre território e o território também somos nós e nossas identidades.

O que é mais originário que pessoas que são apagadas e mortas todos os dias por não cederem a cultura do colonizador? O que é mais da terra que ser o que não querem que sejamos, o que o cristianismo não quer que nós sejamos?

A retomada é sobre retomar nossa liberdade de existir também.

Em muitos territórios e comunidades onde o cristianismo invadiu e assolou o espaço hoje não se permite que nós existamos nesses lugares.

A discussão sobre a transfobia e o preconceito em aldeias, quilombos tem avançado muito ultimamente e é algo que me faz pensar.

Se os lugares de onde viemos e as pessoas de onde viemos estão iludidas e perdidas em conceitos que a bíblia trouxe de ódio a corpos dissidentes onde pessoas “trans” indígenas, caboclas - ou qualquer que seja o termo a ser usado - pertencem?

Se nem mesmo voltar pra nossas raízes pode ser feito, quando o contato com os mais velhos e até com pessoas novas é tão dificultado por essas questões de violências que nos mazelam.

Não tem como falar de gênero sem falar de ancestralidade e não tem como falar de ancestralidade sem levar em conta que nem mesmo nossas famílias de sangue e mais próximos nos querem por perto

Quando sempre somos jogados de canto, ignorados, violentados, espancados e mortos por conta de um deus que nem mesmo veio dessa terra, e sim bem de longe, trazidos pelos kùpê.

Se em povos com divisão de gênero não existe espaço pra nossa existência e onde com certeza tem pessoas que não se enquadram ali, mas se escondem, onde há medo, onde não se pode revidar.

O que é mais amedrontador que estar cercado em um espaço delimitado por um órgão público que é onde você pode viver?

E as pessoas originárias da cidade? Que vivem pela selva de pedras e não tem dinheiro, não consegue emprego, não tem onde morar direito? Como essas pessoas podem resgatar suas culturas e fazer valer sua resistência com tantos discursos de regras sobre processos de retomada que não levam em conta quem não é aceito nos espaços?

Um discurso de purismo racial que não se enquadra na nossa realidade de vivência.

Enquanto a terra está sendo comida de cima a baixo nossos corpos mazelados estão tentando sobreviver nas ruas da cidade todo dia, sem oportunidades e com abutres esperando só um momento pra poder acabar com mais um de nós.

Quanto pode ser cobrado de quem não tem nada?

Então eu digo que ser uma pessoa trans e indígena e ainda mais em contexto urbano leva em conta muitos fatores que a maioria das pessoas finge que não vê, tanto no meio trans, tanto no meio indígena.

Quando se está no meio, não se é aceito nem em um espaço, nem no outro.

Principalmente sobre questões de leitura social onde impõem que temos que mudar nossos corpos, se importar com roupas, ter certa expressão de gênero pra ser uma pessoa trans de verdade.

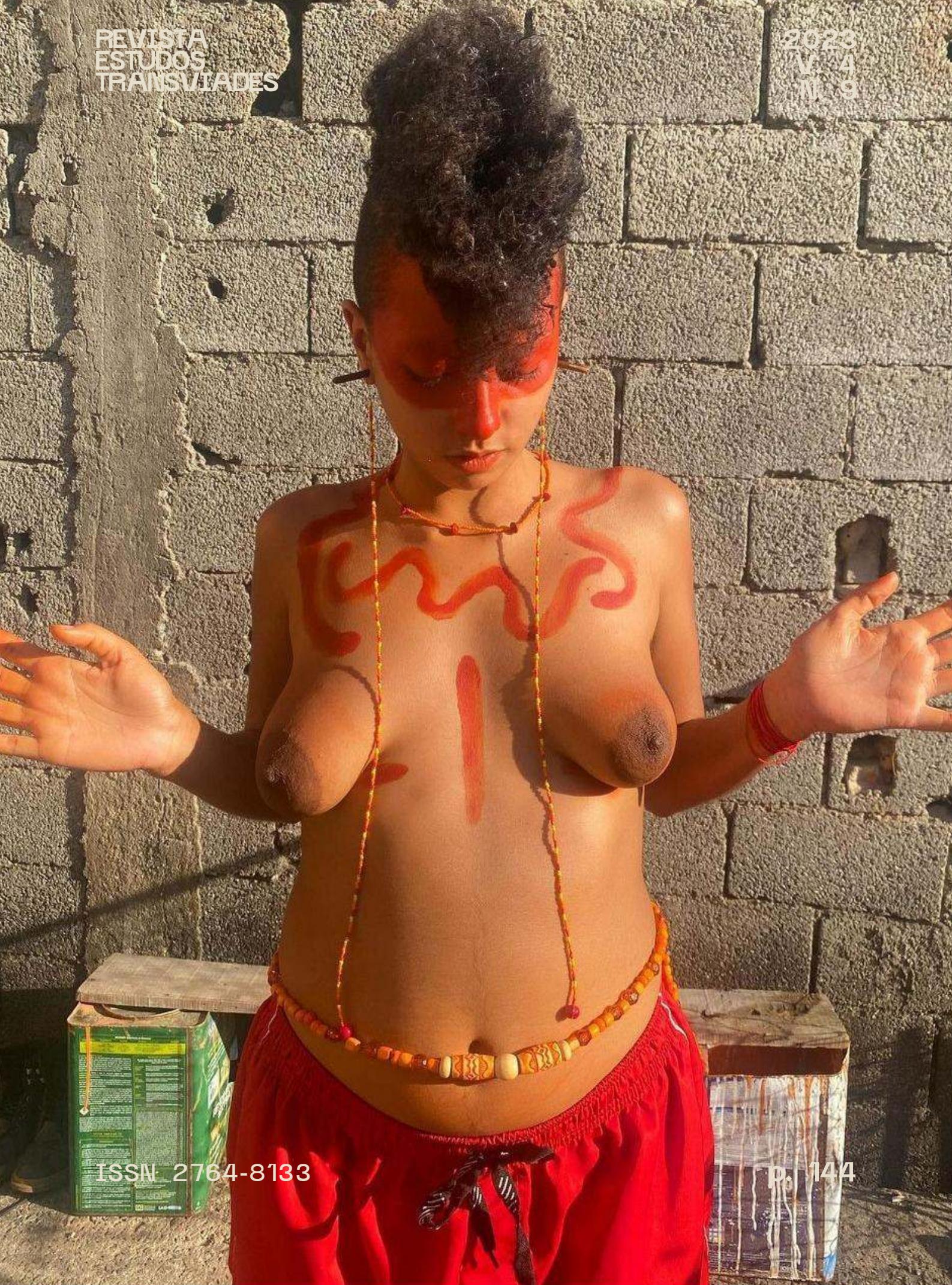
Até quando vão fazer o papel do colonizador?

O modo como eu vejo meu corpo não está dentro dos padrões da cisgeneridade, das igrejas, de até mesmo muitos conceitos trans, que sabemos que tem uma grande quantidade de pessoas que repudiam quem não se modifica “transexualmente”.

Sobre leitura social e como isso influencia na nossa vivência, vale lembrar que ela é criada a partir de etnocídio e massacre de pessoas indígenas há centenas de anos. Então como confiar num conceito que ignora tudo de que vivemos?

Como botar fé que o que eu vejo sobre o corpo de alguém define o que a pessoa é? Pertencimento de identidade se faz com coletivo, com vivência, e não apenas aparência, isso é o que a cisgeneridade quer pra nós, um conceito que independente do contexto reverbera em tudo que vivemos.





Ensaio artístico do coletivo Olho da serpente com as lojas Buritizinho do cerrado e Mamaacadela mostrando adorno de cintura, colar e brincos no tema laranja como nossos corpos.

SOBRE O MATERIAL:

A fotografia em questão retrata nossa pele alaranjada, amarelada que se forma pela miscigenação do indígena com etnias de pele mais clara, no meu caso, com minha ancestralidade cigana paterna. O urucum simboliza a proteção espiritual que esse objeto sagrado nos traz e o grafismo no rosto, é em simbolização as corujas que andam ao meu lado, sendo eu elas e elas fazendo parte de mim também. Quem me conhece sabe que eu sempre deixo meus seios a mostra e trabalho essa relação com eles também como uma afronta a imposição do que deveria ser um corpo trans, um corpo dissidente, mas como me vejo nas mais velhas do meu povo não de forma igualitária de gênero, mas sim de forma ancestral de ver de onde eu venho enquanto ser. A liberdade e espontaneidade de fazer as pinturas, as identidades visuais são coisas que eu prezro sempre botar nos meus trabalhos como um jeito de prezar a criatividade e a vida em si no que faço, de ser coisas que vem de dentro de mim e que a espiritualidade me diz ao invés de ser algo pré programado.

Eu me pergunto
até quando vão querer
engolir meu corpo
Me forçar num lugar de
mulheridade onde não pertenço
Matarem minha cultura
Meu sagrado
Meu propósito
Me deixar vazio de alma
Eu me pergunto até quando
vão desmatar o cerrado
Até quando o fogo
que deveria nos aquecer
Vai destruir nossas vidas
inteiras
A cidade é difícil e o corre
não para
Tentam me dominar
Dizem que meu corpo é de
mulher
Que tudo que eu sou é uma
genitália
O que importa mesmo é o que
a igreja quer?
Que eu preciso tirar meus seios
E não ser afeminado
Trazem conceitos de colonização
e me vomitam isso

Dizem que não binário não existe porque cê não sabe do passado
 Dos nossos antepassados que foram massacrados
 Mortos na mão de jesuítas
 Pra dezenas depois dizerem que
 nois não existe?
 Fala sério
 Sua mente é a manutenção da colonização
 Causando sua própria destruição
 Com essas suas cisforias que cê impõe nos outros
 Cuide de si pra não perder o jogo
 Retomada é hoje
 Nossas vidas não cabem nas suas caixinhas
 Eu, fui de coruja, no berço do cerrado
 Onde nois aqui não é nada mais do que mais um pardo apagado
 Identidade própria?
 Ninguém sabe direito a própria história

Paprep Mywayj Kanelá